‘Efeito Ciro’ revela decepção com FHC e esquerda

Até o próprio ex-ministro rejeita interpretação fácil de que atual prestígio está consolidado para 2002

MARIA INÊS NASSIF
e VERA ROSA

Não é preciso ser Ph.D. em política para rejeitar a interpretação fácil de que, a três anos das eleições de 2002, o ex-ministro e ex-governador do Ceará Ciro Gomes (PPS) – o maior dissidente do ninho tucano – vai manter sua estrela em ascensão e dominar a disputa para a Presidência da República. Nem ele próprio acha isso. “A essa distância das eleições, as pesquisas não valem nada”, afirma Ciro. Mas as inúmeras medidas de pulso do eleitor revelam que o fenômeno Ciro é uma radiografia muito precisa do espírito do brasileiro, apenas dez meses depois da posse do presidente Fernando Henrique Cardoso em seu segundo mandato.

A tradução dos números das pesquisas não é boa nem para o governo nem para o maior partido de oposição do País, o PT. O eleitor está fazendo cara feia tanto para Fernando Henrique como para o decano petista Luiz Inácio Lula da Silva, que, se entrar na disputa de 2002, estará concorrendo à sua quarta eleição para a Presidência. Há um consenso de que Ciro Gomes ocupou esse vácuo.

> **NOME CRESCE NO ESPAÇO QUE LULA DEIXOU**

“A população está profundamente decepcionada com Fernando Henrique e não vê em Lula, nem no PT, uma alternativa”, atesta o diretor-presidente do Vox Populi, João Francisco Meira. Na pesquisa Veja-Vox Populi, Ciro – que obteve 11% dos votos na eleição de 1998 – chegou a 23%, enquanto Lula ficou com 31% das preferências.

Nas várias viagens feitas pelo País desde o início do ano, Ciro tem constatado o grau de insatisfação com o governo ao conversar com as pessoas que assistem às suas palestras. “É um público de formadores de opinião”, conta. “Muita gente está assustada com o futuro, principalmente a classe média e os profissionais liberais.”

O eleitor que consagrou Fernando Henrique ainda no primeiro turno foi pego no contrapé da crise que abalou o Real, logo depois de fazer dele o primeiro presidente do Brasil a ser reeleito. “Foi uma relação criada artificialmente, com promessas que pareciam de adoção imediata”, diz Meira, do Vox Populi. “Só que os compromissos não se cumpriram e as condições econômicas agravaram-se.”

O ressentimento do eleitor com o presidente concentra-se principalmente em promessas – hoje consideradas mentirosas – de mais emprego. O slogan “quem acabou com a inflação vai acabar com o desemprego” deu a vitória a Fernando Henrique, mas atualmente pesa como chumbo na popularidade do governo. Não se trata de exagero: todas as pesquisas qualitativas feitas pelos partidos apontam nessa direção.

Cartão vermelho – A constatação de que o presidente ganhou o cartão vermelho do eleitor circula com freqüência nos debates dos aliados. O PFL identificou, por meio de pesquisas, que essa essa decepção contaminou todos os possíveis candidatos do espectro governista.

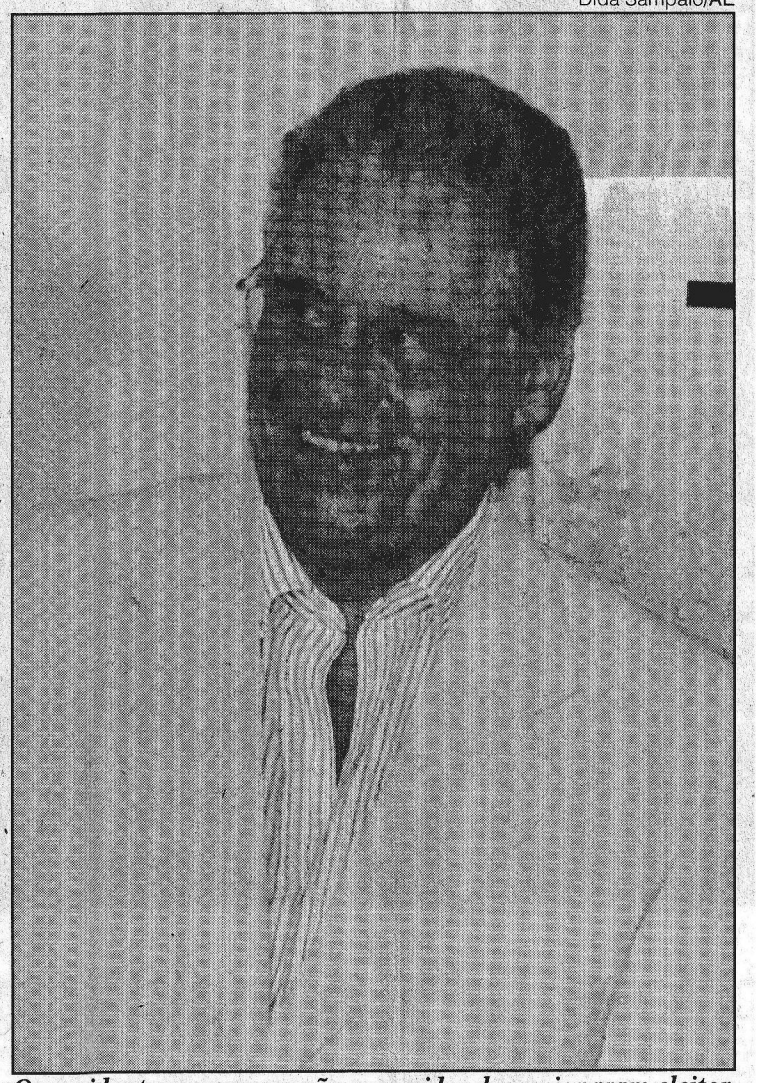
Levantamentos do partido mostram que o presidente do Congresso, senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), não supera 6% das intenções de voto, mesmo operando em confronto com o Palácio do Planalto.

Todos os outros possíveis candidatos tucanos ficam no mesmo patamar. As opções pelos governadores Mário Covas (São Paulo), Tasso Jereissati (Ceará), ou mesmo pelo ministro da Saúde, José Serra, não conseguem passar dessa faixa quando um nome substitui o outro nas cédulas dos institutos de pesquisa.

Mesmo com um índice de conhecimento muito maior que o de Ciro, o governador de Minas Gerais, Itamar Franco (PMDB), atingiria apenas 11% dos votos se fosse candidato à sucessão de Fernando Henrique. Itamar é conhecido por 78% da população e Ciro, por pouco mais de 60%. Se a campanha começasse hoje, Lula continuaria no inabalável patamar de 30%.

Teto baixo – Ao contrário do que poderia supor o senso comum, o eleitor que abandonou o governo não foi buscar o caminho da oposição petista. Tanto é assim que Lula está onde sempre esteve. “Como seu índice de rejeição é muito grande, ele bate rapidamente no teto”, explica Gustavo Venturi, coordenador do Núcleo de Opinião da Fundação Perseu Abramo, do PT. Pelo seu diagnóstico, Lula perde eleições porque existe a convicção arraigada de que uma pessoa com a sua escolaridade terá problemas para comandar o Brasil.

Dida Sampaio/AE

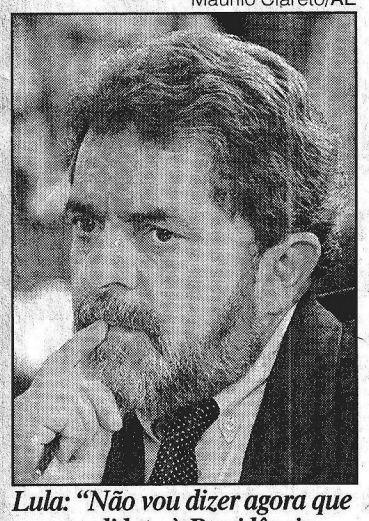


O presidente: promessas não cumpridas decepcionaram eleitor

Dida Sampaio/AE

Ciro: “Constato que as pessoas estão assustadas com o futuro, principalmente a classe média”

Maurilo Clareto/AE



Lula: “Não vou dizer agora que sou candidato à Presidência nem que não sou”

“É uma imagem que o eleitor tem de que o presidente é todo poderoso e precisa saber tudo para governar o País”, diz Venturi. E o PT não ganha votos porque o eleitor não identifica nele uma opção de poder. Para Meira, do Vox Populi, além da marca tradicional de rejeição a Lula e ao PT, o maior partido de oposição do País também perdeu o timing político.

“O PT não acreditou na antecipação do debate político nem na natureza da decepção do eleitorado com o governo”, interpreta. “Recusou-se a buscar alternativas de candidaturas e a mudar o seu discurso.”

Daqui até outubro de 2002, no entanto, tem muito chão. “Nada é imutável: uma boa estratégia de comunicação pode alterar o quadro”, ameniza Venturi. De qualquer forma, ele admite que o discurso petista ainda não corresponde às expectativas do eleitor que abandona Fernando Henrique. “Enquanto Ciro amplia seu espaço sobre o desgaste de Fernando Henrique, o PT está parado, não consegue se legitimar como alternativa de poder”, observa o sociólogo. O problema, para ele, não é falta de propostas. “Isso o partido tem de sobra, mas, como não possui consensos, não consegue passar para o eleitorado”, conclui.